



Centro Universitário de Brasília –UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde -FACES

Macksuellen de Oliveira Michetti

A chave do enigma: aspectos da violência na cidade contemporânea no conto “Feliz Ano Novo” de Rubem Fonseca

**Brasília
2013**



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

Macksuellen de Oliveira Michetti

A chave do enigma: aspectos da violência na cidade contemporânea no conto “Feliz Ano Novo” de Rubem Fonseca

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES. Orientada pela Professora Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia

Brasília
2013

MACKSUELLEN DE OLIVEIRA MICHETTI

**A chave do enigma: aspectos da violência na cidade contemporânea
no conto “Feliz Ano Novo” de Rubem Fonseca**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES. Orientada pela Professora Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia

Dedico este trabalho:

Aos meus avós, Nair e Antônio, que com muito esforço me ensinaram a dar valor nas pequenas coisas da vida, principalmente aos estudos.

À minha mãe, Simone, por todas as palavras de força e sabedoria, por ter sido sempre uma grande amiga nos momentos mais difíceis.

Aos meus professores do Ensino Médio, que me incentivaram e buscaram me ajudar em todas as dificuldades do período escolar.

À professora Ana Luíza, que com seu trabalho e dedicação me fizeram crescer durante esse período.

Agradeço :

Primeiramente a Deus, pois me capacitou para realizar este trabalho, e em todos os momentos me ajudou para chegar até aqui.

Aos meus avós pela dedicação, paciência e assistência.

À minha mãe e irmãos que tiveram muita paciência comigo.

Ao Gustavo, que me incentivou, teve paciência e me ajudou a superar toda a ansiedade.

À professora Ana Luíza, por todo o ensinamento, paciência, por ter ensinado uma lição sobre o trabalho feito com amor, que jamais será esquecida e por toda sua dedicação e maestria ao ensinar.

Às minhas amigas imensamente especiais, Danielle Alves, Lorraine Maciel, Ludmila Araruna, Luciana Rodrigues e Priscila Azevedo, que durante três anos e meio me acompanharam, ajudando a concluir trabalhos, revisaram meus textos, compartilharam risadas e ensinamentos.

Às minhas amigas Claudia e Fátima que não me deixaram desanimar, sempre com muito apoio me ajudaram a enxergar um grande potencial existente em mim.

Assim, ao lançar um maldoso olhar de viés sobre o mundo, a literatura de Rubem Fonseca estimula o exercício da desconfiança – obriga o leitor a pensar na contramão, desafinado, dessa forma, a hipocrisia de uma sociedade que se caracteriza cada vez mais pelo consenso forjado com o auxílio da mídia. (FIGUEIREDO, 2006, P.26)

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar o conto “Feliz Ano Novo”, de Rubem Fonseca, “corpus” da pesquisa, pelo viés do olhar contemporâneo em que se privilegia o urbano, a violência, o personagem solitário, o cotidiano, as desigualdades sociais, entre outros aspectos. Convém ressaltar que o “corpus” constituiu-se polêmico por ter sido censurado e a tramitação desse processo foi questionada por várias instâncias da sociedade brasileira. Tal fato possibilita ainda mais a curiosidade a respeito da obra fonsequiana, que pode ser trabalhada em sala de aula de forma interdisciplinar e possibilita ao discente observar, entre outros aspectos, as variações linguísticas, o contexto histórico, bem como destacar a violência urbana que se alastrou nas pequenas e grandes cidades. Por isso, um texto atual.

Palavras-Chaves: Violência.Cidade. Censura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
A QUESTÃO DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA.....	10
RUBEM FONSECA E A LITERATURA BRASILEIRA.....	18
“FELIZ ANO NOVO” DE RUBEM FONSECA	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz a leitura e análise do conto “Feliz Ano Novo”, de Rubem Fonseca, tem como objetivo evidenciar aspectos da literatura contemporânea e pode potencializar a formação de leitores críticos, estabelecendo algumas características da contemporaneidade e da obra do autor.

A pesquisa realizada estruturou-se em duas etapas: pesquisa bibliográfica, que consistiu na busca de argumentos de autoridade a cerca da literatura contemporânea e das características da obra de Rubem Fonseca, em livros e artigos publicados, e os principais autores são Domício Proença Filho, Tânia Pellegrini, Nizia Villaça, Stuart Hall, entre outros. A segunda etapa consistiu na análise do conto *corpus* da pesquisa e sua relação com o ensino.

A monografia apresenta três capítulos, o primeiro tem por título: **A questão da Literatura Contemporânea**; o segundo: **Rubem Fonseca e a Literatura Brasileira**; e o terceiro: **“Feliz Ano Novo” de Rubem Fonseca e o ensino**. No primeiro capítulo foram apresentadas algumas características da literatura contemporânea, e seu contexto histórico que influenciou em toda produção artística da época.

O segundo capítulo trata do autor do “corpus” da pesquisa, Rubem Fonseca, escritor de contos e romances, alguns já foram até adaptados para outras mídias como o cinema. A obra “Feliz Ano Novo” foi publicada em 1975 e contém alguns contos do escritor, inclusive “Feliz Ano Novo”. O autor apresenta como característica principal a maneira “escrachada” de explorar a violência em suas obras, entre outros aspectos.

O terceiro capítulo apresenta uma análise feita ao conto “Feliz Ano Novo” e destaca algumas características do conto que o qualifica para ser trabalhado em sala de aula.

A questão da violência urbana é tratada com naturalidade pelo escritor, que antes foi agente da polícia. O conto apresenta um narrador que também é

um personagem, apresenta uma linguagem calcada na oralidade e que em alguns momentos possibilita aproximação entre o leitor e o texto. O personagem solitário de Rubem Fonseca também fez parte da análise. Neste caso, o personagem é o próprio narrador, que luta com suas próprias leis para conseguir o que deseja.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de se levar para sala de aula, questões relativas à realidade do país. E, em relação a respeito do ensino de literatura, faz-se necessário ampliar as leituras feitas na escola, não evidenciando apenas as obras canônicas. Esta pesquisa pode contribuir com professores que desejam inserir esse tipo de leitura em suas aulas, mostrando-lhes que este texto pode ser confrontado com outras disciplinas e comparados com a sociedade atual, principalmente, no aspecto da violência urbana.

A QUESTÃO DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Para tratar de literatura contemporânea, é indispensável ressaltar o Modernismo, que foi o movimento que a antecedeu. Este movimento apresentou uma ruptura com o pós-romantismo e trouxe características inovadoras para a arte. Apesar de os pós-modernistas almejarem fazer uma total ruptura com os modernistas, foram fortemente influenciados por eles. Para esclarecer melhor essas afirmações, serão apresentadas algumas características da estética modernista.

O período modernista foi marcado por profundas mudanças sociais, econômicas e políticas. As descobertas científicas, o surgimento de novas teorias, a Primeira Grande Guerra Mundial mudam as formas de governo e conseqüentemente a estrutura social e a forma de produção. O abalo na fé e na Igreja muda o percurso do homem que agora está no centro. Sobre esse período, Proença (1989, p. 17) afirma:

É o começo do desenvolvimento do tipo de sociedade dominada pela técnica, pela máquina e pela indústria que, gradualmente e progressivamente modificado, chegará até as condições que definem basicamente a organização social das nações ocidentais na atualidade, quando a ciência e a tecnologia atingiriam um domínio transformador na Natureza sequer imaginado naquele momento histórico.

Com tantas mudanças, o homem almejava chegar ao seu bem estar, porém o resultado foi uma fragmentação do eu. O homem agora era um trabalhador, chefe de família e cidadão, conquistou melhores condições materiais, porém acentuou-se a consciência do dever e a culpa. Nesse âmbito, a literatura buscou caracterizar a crise e tomou como característica essa busca pela exploração do inconsciente.

Além da exploração do inconsciente, o moderno trazia em suas obras um caráter satírico e paródico, além de um distanciamento entre o receptor e a obra, o herói do romantismo agora perde espaço para o anti-herói do modernismo. A literatura tornou-se cada vez mais interiorizada e abstrata.

O sujeito moderno fez surgir uma nova forma de individualismo, onde esta é vivida e conceitualizada de maneira diferente, sobre isso Stuart Hall (1998, p.25) escreve que “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas”. Hall se refere ao domínio que a Igreja estabelecia sobre o homem, que agora não vive mais sob a ordem secular e divina das coisas, mas centra-se na posição de um “indivíduo soberano”.

No Brasil, o Modernismo assumiu um posicionamento diferente dos países da Europa, achava-se que a literatura brasileira estava estagnada e os artistas brasileiros buscavam novidades. Foi em 1922, com a Semana de Arte Moderna, que os artistas tomaram uma posição diante do público, queriam de todas as formas romper com o tradicionalismo, buscavam a originalidade e imprimiam um certo nacionalismo e uma visão crítica à realidade do país.

Como características do Modernismo brasileiro, podem-se destacar o cunho nacionalista, a valorização do paisagismo e do histórico, com a presença do humor, do popular e da paródia. Proença (1989, p. 32) afirma a existência de um segundo plano, onde há uma exploração, sensuais e eróticos.

É importante destacar que, mesmo não passando pelas tribulações das revoluções que aconteceram na Europa, o Brasil passa pelo período do Estado Novo e apresenta as dificuldades de um país em desenvolvimento, onde os rumos da política, da economia, do social e até da cultura começam a mudar. Isso foi traduzido na literatura por uma preocupação em retratar a realidade nacional de forma crítica.

É possível traçar um perfil sobre a literatura contemporânea, a partir da colocação de Proença (1989, p. 13), onde a modernidade e pós-modernidade englobam ciclos estéticos no espaço que desenvolvem estilos de época caracterizadores. Esses ciclos estéticos representam normas e padrões que são englobados pelos estilos de época, os quais surgem através de manifestações artísticas, nos costumes e gestos.

Assim, o Pós-Modernismo é basicamente um estilo estético que vem se desenvolvendo desde a metade do século XX, quando revela uma

preocupação maior com o eu. Um eu marcado pela descrença e frustração, sem esperanças no futuro e passivo da conformidade.

O homem contemporâneo tem escassas expectativas para o futuro e abre espaço para a impulsividade. Pensadores como Nietzsche (1844-1900), Heidegger (1889-1976) e Freud (1856-1939) surgiram como inspiração para o homem contemporâneo. Desde o Modernismo o homem já se voltava para um pensamento libertador. Villaça (1996) defende que esses pensadores chamavam o sujeito a se situar como lugar de defesa da liberdade contra os radicalismos de esquerda e direita.

O contexto da contemporaneidade é marcado pelo consumo. Sobre o tema, Villaça (1996) afirma que “o princípio do mercado adquire sua maior força, extravasando do econômico e tentando colonizar tanto o princípio do Estado quanto o da comunidade”. A grande produção necessita de consumidores que são seduzidos das diversas formas, de modo que compram não só pelo produto em si, mas apenas pelo rótulo.

A tecnologia fez com que houvesse ascensão do consumo. Os novos produtos seduzem tanto o consumidor, que os produtos estão sendo tratados como seres humanos. A televisão torna-se o maior bem de consumo; como veículo de comunicação de massa tornou-se “reforço de comportamento heterodirigido” (PROENÇA,1989) e direciona comportamentos e pensamentos. A informação tornou-se a principal influência para o pensamento contemporâneo, estabelecendo até mesmo sua visão de mundo. Além da TV, os computadores começam a fazer parte da vida das pessoas nos países desenvolvidos. A tecnologia sem dúvida mudou muito o comportamento e pensamento do homem pós-moderno.

O capitalismo que perturbava os modernos por produzir classes sociais, agora soma-se à produção de diferenças sexual e racial. Grupos feministas e de outras minorias também surgem, como uma necessidade de formar grupos representativos para reivindicar seus direitos.

Pode-se destacar a violência urbana, que surge não de modo direto, mas indireto, como resposta ao Estado que não trata com respeito as diferenças.

O homem atinge o avanço científico e tecnológico, vive mudanças significativas quanto à economia, lazer e a liberdade em certos costumes e nos valores morais, mas em contrapartida surgem grupos de descontentes como os *punks* e *hippies*. Isso demonstra a crise existencial vivida pelo contemporâneo, onde o pessimismo e o desencantamento levam alguns a pensar que o *Apocalypse* está próximo.

É nas artes que todo esse sentimento repercutiu com um aproveitamento de obras do passado, reproduzindo o descontentamento com o presente e a falta de projeção no futuro, mas isso não significa o abandono de formas inovadoras. Na literatura, a presença do ludismo, da metalinguagem, da representação do real de forma até *hiperreal*, representa a inovação deste período, já que no Modernismo a realidade era posta de um modo até meio surreal. Agora o contemporâneo se apegua a realidade concreta, o fragmentarismo textual como representação do universo multfragmentado. Na narrativa, há presença da autoconsciência, e um narrador observador, quase repórter e o centramento na linguagem.

Antes de se falar sobre o movimento no Brasil, é relevante marcar a presença do humor na arte contemporânea que para Villaça (1996) é marcado da seguinte forma:

A tendência ao humor no contemporâneo, além de trazer distanciamento e proteção contra o caos aparente, é o fator de uma criatividade e uma ação que trabalha no ritmo necessário à rapidez, poli-Valência e fragmentação contemporâneas.

O humor, assim como a ironia e o realismo, funcionam como uma maneira de traduzir o sentimento do contemporâneo, e surge com um elemento de desconstrução do homem que passa por um período de fragmentação e precisa assumir diversos papéis.

No Brasil, deve-se ressaltar de forma breve as condições históricas em que o movimento chegou aqui. Nos países centrais, a modernização e a

tecnologia também chegaram de maneira acelerada, porém o Brasil caracteriza-se por ser um país em desenvolvimento e conseqüentemente de uma economia dependente. Com a industrialização, veio também o deslocamento da população do campo para a cidade. O campo foi representado na literatura por grandes nomes, como Graciliano Ramos (1892-1953), entre outros.

Segundo Tânia Pelegrini (2008), desde os anos 60, o cenário da literatura brasileira se desloca para dar ênfase à solidão e à angústia relacionada a todos os problemas sociais e existenciais que se colocam desde então. Processo que se acentuou com o regime militar de 1964.

É importante ressaltar que nos períodos de 1950 a 1987 o país passa por diversas mudanças políticas. Primeiro com o suicídio de Getúlio Vargas, o presidente que instaurou as leis trabalhistas que vigoram até os dias atuais. Depois do suicídio de Vargas, o governo de Café Filho, Carlos Luz e Nereu Ramos, que foram sucedidos por Juscelino Kubitschek que com sua campanha inovadora criou esperanças no povo, e otimizava realizar um governo que realizasse o progresso de 50 anos em 5. Os acontecimentos não foram os esperados, e Juscelino deixou de seu governo, além de uma nova capital uma grande aumento da dívida externa.

Após o governo otimista de Kubitschek, Jânio Quadros assumiu o governo e logo renunciou em 1961. Seu vice João Goulart, tornou-se o novo presidente, mas a situação era conturbada. O país torna-se parlamentarista e posteriormente presidencialista por um plebiscito realizado em 1963. Goulart tenta realizar um governo populista, mas em 1964 o país foi vítima de um golpe militar, que instaurou o regime ditatorial por mais vinte anos.

O regime militar tentou superar os problemas sociais e econômicos do Brasil, mas em contrapartida foi repressor com as diversas manifestações artísticas. A ditadura desse período no Brasil caracterizou-se pela supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar. A sociedade vivia em descontentamento, como se não bastasse o regime militar instaurado recentemente, a censura voltou a funcionar de forma acirrada em 1968 com o AI-5.

A censura atuou com maior fixação nos anos 1970. Nesse período ela cortou, apagou e proibiu diversas manifestações artísticas, como peças, novelas, artigos de jornais, romances e contos, impôs padrões de criação. Pellegrini (2008) assim como em outros ensaios sobre esse tema, caracteriza este período como um “vazio cultural”.

O governo militar tentava iniciar um projeto modernizador, no qual a indústria seria o principal meio para gerar lucros. Vale salientar que isso privilegiaria poucos, assim como as outras políticas do militarismo. E enquanto isso, a censura funcionava de modo bipolar, de um lado impedia a publicação e produção de conteúdo ideológico de esquerda, de outro, incentivava a produção do que pregava patriotismo, Deus e a moral.

Como artimanha da censura, foi criada a Política Nacional de Cultura em 1975. Pellegrini (2008) afirma ser como uma tentativa de controlar e administrar fortemente esse campo minado, de contornos tão fluidos e inapreensíveis. Para burlar todo esse aparato do governo, os autores nacionais resistentes ao regime começam a adequar sua produção, para não perder para o mercado exterior e nem calar-se para o regime.

O realismo passa a ser a maior ferramenta dos autores, que fizeram dos romances uma reportagem, escreviam biografias, depoimentos e memórias, tudo isso camuflado por uma linguagem de alusão e subterfúgios. A ficção urbana no geral representava uma espécie de “lugar da opressão”, onde apresentava o caos, traduzia a exclusão dos indivíduos, mostrava a política que beneficiava poucos, a reiteração dos valores, a violência e o medo que cercavam o ritmo da cidade grande.

A contemporaneidade inaugura uma literatura de minorias, esse fenômeno que se deu, segundo Tânia Pellegrini (2008), pela modernização e industrialização, e defendendo ainda que:

Por meio da literatura que produzem, as mulheres hoje não só resgatam a própria história passada, como afirmam confiantes a condição de sujeito atuante no presente, com vistas a um futuro [...] O surgimento de uma literatura gay ou de temática homossexual vincula-se a penetração, no Brasil, a partir da “abertura política” dos anos 80, das ideias de transgressão e diversidade cultural associadas à pós-modernidade, das influências da organização dos

movimentos homossexuais na Europa e Estados Unidos, além do impacto e proliferação da Aids.

Esse processo de formação de uma leitura feita por meio de grupos representativos de minorias é importante para a reconstrução de valores e demonstra as noções básicas de sexo e gênero que sempre foram censurados pelas estruturas sociais conservadoras. É um ponto interessante a destacar é que a presença feminina na literatura só veio a ser reconhecida, ainda que com restrições, após os trabalhos de Clarisse Lispector (1920-1977). Nesta ficção existe uma consciência crítica bastante acentuada dos modelos femininos de submissão, Tânia Pellegrini (2008, pág) sobre a atuação feminina na literatura, afirma que:

Assim, a imagem da mulher que surge desse processo é ao mesmo tempo de transgressão e de equilíbrio, por meio dos quais ela parece ter chegado a uma literatura ético-existencial, que rompe a velha oposição maniqueísta (anjo do lar/ pecadora da rua), revelando-se contraditória e paradoxal, na medida em que assume como suas as faces plurais de todo ser humano.

No governo do general João Batista Figueiredo aconteceram vários movimentos populares para as eleições, como as “Diretas Já”, além de greves operárias. As eleições para presidência e governadores eram indiretas, isto é, realizadas pelo Congresso Nacional, e previamente os governantes eram indicados pelo poder federal. Em 1984, o nome de Tancredo Neves da oposição é indicado e ratificado pelo Congresso.

Em todo esse período, prevalece a crise que perpassa o plano econômico e social, até atingir todas as camadas da sociedade, nas palavras de Proença (1989) “a neurose da sobrevivência ainda sobrepõe à neurose da existência”. E a crise vivida pelo país repercute na arte que vive uma busca de ruptura com o Modernismo, nesse contexto em que surge a chamada geração de 45. Os traços pós-modernos são mais acentuadamente encontrados na prosa e na poesia marginal. A poesia agora é entendida como algo que pode sofrer interferência ou manipulação do leitor. Nasceram outros movimentos como Poema-Processo, onde o foco é a linguagem visual, o tropicalismo, que pretendeu ser universal e brasileiro, destacando-se em outras artes como a música e o teatro, e, por fim, a “poesia marginal”, textos criados por jovens e

vendidos em locais públicos, os quais aproveitavam fatos políticos e jornalísticos.

A literatura brasileira neste período inaugura uma nova temática, a violência urbana, que situa e mapeia a marginalização principalmente nos centros urbanos. As obras apresentam uma realidade “escancarada” e brutal, e um dos representantes dessa linha é Rubem Fonseca, autor do *corpus* desta pesquisa, que em seus textos evidencia a temática da violência, da miséria e da riqueza, do poder e da impotência. Os textos de Fonseca expressam a violência que castiga a sociedade brasileira, onde sempre há um enigma a se revelar.

RUBEM FONSECA E A LITERATURA BRASILEIRA

O escritor José Rubem Fonseca iniciou sua carreira de escritor escrevendo contos, publicou “A Coleira do Cão”(1965); “Lúcia McCartney” (1967); “O Caso Morel” (1973); “Feliz Ano Novo” (1971), dentre outros contos e romances.

Suas obras têm como *locus* de enunciação as grandes metrópoles, com destaque para o Rio de Janeiro. As grandes cidades representam um sequestro da identidade do homem rural, que migra para área urbana e se depara com mudanças radicais no ritmo de vida e nos costumes. Mas a grande mudança fica por conta da violência.

Outra característica presente na maioria de seus livros é a ficção policial, que pode ser consequência de sua carreira de policial, ressaltando que seus textos se utilizam da ficção para tratar a realidade. Sobre esta afirmação Vera Lúcia Follain (2003) defende que:

Assim, através da investigação policial, o que se questiona é a possibilidade do conhecimento objetivo do real, a existência mesma de uma realidade fora da linguagem, deixando-se aflorar o ceticismo difuso na cultura da modernidade tardia: o grande crime a que esta literatura se refere é o “assassinato” da realidade – daí que o outro, o crime em torno do qual gira o enredo, torna-se apenas um jogo.

O crime e a violência, como elementos da ficção policial, são apresentados na obra de Rubem Fonseca como elementos justificáveis. O bem e o mal para o autor não estão na essência das coisas, por isso a violência torna-se justificável, analisando os discursos e situações. A violência pode aparecer como explicação para a sobrevivência do indivíduo ou da sociedade. Para Follain (2003), a violência deve ser vista de um ponto axiológico, onde tudo depende do valor atribuído às formas de comportamento de uma cultura em determinado momento.

Outra forma de explorar a violência nas obras de Rubem Fonseca é a junção de grandes extremos, que se destaca na aproximação existente entre

miseráveis e grã-finos no mesmo espaço. O autor também explora a representação da associação de grandes empresários com o crime, estes às vezes são chefes de facções criminosas, mas para a sociedade vestem a máscara de bons cidadãos que repudiam o crime.

A violência nas obras de Rubem Fonseca, e em especial no conto “Feliz Ano Novo”, *corpus* da pesquisa, é também expressa por miseráveis e grã-finos no mesmo espaço. A divisão entre Zona Norte e Zona Sul no Rio de Janeiro, em que na primeira moram os menos favorecidos, e na segunda os ricos, existe apenas por uma barreira geográfica, mas a permanência da marginalidade nos diversos segmentos sociais da cidade faz romper a segmentação social, aproximando assim os poderosos dos marginalizados.

Não existem fronteiras para o crime e Fonseca explora muito bem isso em suas obras. E busca não dar enfoque somente para a violência do oprimido, mas explora esta temática de diferentes ângulos. Pode-se observar outro fator importante nas obras de Fonseca: há um olhar crítico em relação à sociedade do capitalismo avançado. Figueiredo (2003) afirma que:

Assim, ao lançar um maldoso olhar de viés sobre o mundo, a literatura de Rubem Fonseca estimula o exercício da desconfiança – obriga o leitor a pensar na contramão, desafiando, dessa forma, a hipocrisia de uma sociedade que se caracteriza cada vez mais pelo consenso forjado com o auxílio da mídia.

Assim, os diversos pontos de vista funcionam para abalar os juízos estabelecidos e criar novas interpretações, menos humanísticas e fechadas como as dos burgueses, diluindo assim alguns preconceitos. Pode-se constatar que a ficção de Fonseca alimenta-se dos impasses do homem contemporâneo, e expressa a desconstrução do pensamento do homem pós-moderno, que mesmo deixando de lado a visão utópica do século passado adota certo conformismo diante das mazelas no tempo presente.

A obra fonsequiana faz o leitor questionar onde começa o crime, entre tantos outros questionamentos. Tais questionamentos surgem pela maneira fotográfica de escrever do autor, pois os contos, especialmente o “*corpus*” da pesquisa, parece ter sido retido e cristalizado em um tempo e espaço determinado, onde os espectadores não podem interceder para modificar o contexto.

Há uma característica que faz parte constante na obra fonsequiana, o personagem solitário. A narrativa, seja em primeira pessoa ou em terceira pessoa, funciona como uma forma de expressar essa solidão, que pode ser nostálgica ou cética, nas palavras de Figueiredo (2003, p. 20) é “daí a recorrência na obra do autor daqueles seres suspensos do nada, mergulhados num estado de orfandade e que, por isso vagam sem lei, sem identidade fixa, desafiando a lógica e a psicologia”.

Em geral, os personagens fonsequianos estão acima do bem e do mal, eles têm uma dificuldade de julgar, porque não se julgam. Suas atitudes demonstram que eles não creem na cultura ocidental e ao mesmo tempo não conseguem libertar-se dela, para criarem outros parâmetros de vida. Demonstram assim o vazio existencial do indivíduo pós-moderno.

O olhar do autor é o de quem tira os fatos dos registros policiais, dos boletins de ocorrência fatos e os transforma em ficção. E é através deste olhar de um policial aposentado que pode se compreender o viés adotado por Fonseca. A hiperrealidade está presente na literatura pós-moderna, buscando atingir a essência da realidade. Mas nas obras de Rubem Fonseca, a hiperrealidade pode despertar no leitor certa impotência ou fazê-lo mergulhar em uma esfera que o homem não destacava, é um mergulho a uma realidade desconhecida.

Com o passar do tempo, o que se percebe nas publicações de Fonseca é um narrador mais maduro. E deixa de lado algumas características do passado, por exemplo, a timidez, a solidão amorosa, a nostalgia e abrindo espaço para o impulso da conquista, para o humor, para a ironia e para a sedução. Esta última acabou se tornando uma marca de Fonseca que aborda a sexualidade com mais frequência e precisão, fala do corpo e das suas manifestações, assuntos que até hoje gera preconceito, porque não faz parte da cultura do brasileiro tratar da sexualidade com a desmistificação do ideal romântico que Fonseca faz, como é o caso do “corpus” da pesquisa.

Outras características da obra fonsequiana foram descritas por Ariovaldo José (2000, p. 16), são:

Na obra de Fonseca, a falta de liberdade, a exploração econômica, a competição, a violência, o erotismo, a solidão, a angústia artística, a alienação, o tempo, a incapacidade de realização dos personagens, tudo enfim a que o homem vai de ou que se volta para contra ele, passa pelo corpo.

Essa nova abordagem de Rubem coincide com os novos estudos e práticas científicas referentes ao corpo, assunto que passa a fazer parte do discurso literário fonsequiano. Figueiredo (2003, p.117), sobre esse tratamento dado ao corpo na contemporaneidade, afirma que:

É objeto de comentário, de debates, suscita inúmeras pesquisas, ao mesmo tempo em que é cada vez mais visto como fardo, como um rascunho que a tecnociência precisa retificar. Torna-se um campo de intervenção de dispositivos técnicos, é mapeado, alterado em sua natureza com os transplantes, próteses mecânicas, além das novas formas de reprodução que o avanço de genética torna possível.

Outra forma de explorar a temática do corpo é o fato que os seres humanos comem animais, mas questionam comer a carne de um cadáver de outro ser humano. Trata-se da redenção do homem com seu próprio corpo e aos aspectos fisiológicos ocultos pelo próprio homem. É a sua natureza que por sinal é a mesma dos outros animais.

A maneira “escancarada” de escrever de Rubem Fonseca tem a pretensão de chocar seus leitores e fazê-los pensar. Seus principais contos foram publicados por volta de 1970, e teve seu apogeu na publicação da obra “Feliz Ano Novo”, da qual faz parte o *corpus*, sofrendo os rigores da censura uma grande problemática, já que Fonseca expôs as mazelas do Brasil, indo de encontro aos princípios do “Milagre Brasileiro” tão bem exposto e divulgado pela Ditadura Militar.

O principal argumento dos censores, para atuar nas obras de Fonseca deve-se à relação com a sexualidade presente em suas obras, e a banalização da violência. Acusaram-no de pornográfico, de atentar à moral e aos bons costumes. Mas o que de fato incomodava era como o escritor tratava a realidade e a violência nos centros urbanos, detalhes abafados pelo governo.

Vera Lúcia Follain (2000, p.28) destacou que o juiz foi o único a se aproximar da real afronta que seriam as publicações de Fonseca:

O grave está no modo pelo qual se tratou da violência. Em seguida se pôs a definir o que chamava de “brasileiro médio”, cuja consciência, reprovava o culto da violência que identificaria os textos [...] Coerentemente com sua formação, o

juiz exigia culpas e punições e é exatamente contra essa moral da culpa que a ficção do autor se bate, chamando atenção para o fato de que o conceito de violência só pode ser pensado no âmbito de valores de uma determinada cultura e dos discursos ideológicos que o delimitam.

No conto “Feliz Ano Novo”, por exemplo, o que agride não é a violência do conto em si, mas a abordagem com que foi dada a ela. A violência foi exposta pelo olhar do outro; o leitor remete-se a olhar a realidade através da perspectiva de quem cometeu o crime, e questionar-se onde está o crime de fato. O leitor deste conto por muitas vezes pode imprimir uma impotência diante da realidade, porque não pode muda-la nem transforma-la.

Em “Feliz Ano Novo”, assim como em outros contos publicados na época, pode-se perceber um narrador mais preocupado com a compreensão e participação na realidade nacional, e com a consciência dos problemas das grandes cidades. O narrador pós-moderno aproxima-se do leitor, pois parece se interessar com o outro. Além dessa característica, outras características do texto pós-moderno são destacadas por Daianny Junqueira Rias (2006, p.4):

As características do pós-modernismo que mais chamam a atenção nesse texto são o realismo feroz carregado de traços humorísticos que atenuam e banalizam a violência; a ofensa às instituições, através da exposição da falta de segurança, um dos motivos pelo qual *Feliz Ano Novo* foi censurado; a atualidade do tema, pois quem lê o conto tem a sensação nítida de que essa história se passa nos dias de hoje; a realidade nua e crua apresentada de certa forma a levantar dúvidas se trata-se ou não de um exagero; a linguagem que choca, mais até que a situação em si.

A TV enfatiza que a felicidade está nas aquisições de bens, e como consequência, o que acontece no interior dessa sociedade, não é um desejo de mudar o mundo, mas ser incluído nele. Se inserir no mundo do consumo significa uma inserção nessa sociedade, que cada vez mais abre espaço para lutas individuais, pois o consumo nada mais é que uma prática individual, e consiste em uma luta entre indivíduo contra indivíduo. É nesse âmbito que se inserem os personagens fonsequianos.

O título “Feliz Ano Novo” em si trata-se de uma grande ironia com o leitor, que só descobre isso no decorrer do conto. O leitor percebe que o feliz ano novo pode não ser tão feliz assim. A escolha do autor pelo réveillon para retratar a desigualdade mostra a maestria de Fonseca, pois a maioria das pessoas acredita que, pelo menos na virada do ano, todos estejam celebrando.

E a TV é uma ferramenta primordial para fazer com que os cidadãos se esqueçam disso. No dia 31 de dezembro, as notícias e reportagens são voltadas para a preparação das festas nas casas de família e as proporcionadas pelo governo.

O choque da Ditadura Militar vivido pelo país impulsionou a ficção a buscar algo que estabelecesse essa relação entre arte e o público, e foi aí que surgiu o interesse dos ficcionistas nacionais pela literatura policial norte-americana, que ganhou destaque no período da depressão americana, nos anos 1930. Para Cerqueira (2009, p.24), Fonseca recebeu influências de Raymond Chandler para escrever seus textos.

No caso da ficção policial de Rubem Fonseca, não há somente o registro de uma época marcada pela falência das instituições e das grandes esperanças, mas retrata o sobrevivente dessa época: são bandidos e empresários, marginais e pivetes, travestis e detetives que buscam usufruir da situação, sem trunfo nem vitória, mas apenas para sobreviver.

E essa é mais uma manifestação da violência que está presente nos textos fonsequianos, e segundo Cerqueira (2006, p.26):

Na narrativa fonsequiana a violência é o lugar de enunciação, não agindo em prol do discurso, mas sendo-o de forma que o descrédito em relação às instituições, bem como a inutilidade das grandes esperanças seja lugar de posição crítica da ficção, e que estes passos da desencrença sejam evidenciados nas várias manifestações da violência inseridas nas sociedades contemporâneas. A truculência que permeia os textos deve ser encarada como ponto crítico em que a sociedade inclina-se sobre suas próprias chagas.

A obra de Rubem Fonseca, em especial, o conto “Feliz Ano Novo”, será analisado no Capítulo 3, com o objetivo de tornar a leitura mais acessível à prática escolar.

FELIZ ANO NOVO DE RUBEM FONSECA E O ENSINO

O conto “Feliz Ano Novo” foi publicado em 1975 em um livro do mesmo nome, juntamente com outros contos. Relata a história de três marginais, que resolvem assaltar uma casa de ricos na noite de reveillon. O conto é narrado por um dos marginais. A linguagem é a da oralidade, apresenta expressões chulas, palavrões e gírias. Rodrigo Cerqueira (2009, p.22) afirma que por esta voz, a voz do cidadão marginalizado, e não mais pelo possuidor da alta cultura, a sociedade exibirá suas fissuras, falhas que ganham maior dimensão, se expostas por elas são mais atingidos.

Ao ler o conto de Rubem Fonseca, o leitor se depara com a linguagem feroz, “escrachada” e vulgar de um narrador que personifica um bandido e coloca nele todo seu modo de agir e pensar, é o que na verdade causa impacto; essa característica deixa o texto mais realista. Neste trecho retirado do conto, pode-se perceber como fica evidente a maneira de agir dos personagens:

- Pereba entrou no banheiro e disse, que fedor.
- Vai mijar noutra lugar, tô sem água.
- Pereba saiu e foi mijar na escada. (FONSECA,1994)

Um aspecto importante sobre este narrador é que ele ao mesmo tempo em que narra é um personagem, isso dinamiza o conto e causa aproximação com quem está lendo. O leitor às vezes chega a confundir os outros personagens com este narrador-personagem, que não tem nome. Sobre isso, Rias (2008, p.3) afirma que:

Outra característica dessa literatura pós-moderna é a linguagem, como vimos nesse conto, que é completamente escrachada, vulgar, direta, o narrador em primeira pessoa personifica um verdadeiro bandido e abstrai seu modo de agir, de pensar e de falar, causando um certo impacto, mas que retrata autenticidade e veracidade dos fatos ocorridos na narrativa.

O texto de Fonseca se insere no contexto do Pós-modernismo e é importante ressaltar que a sociedade contemporânea apresenta escassas

expectativas para o futuro, expectativas que são descarregadas no consumo desenfreado. O princípio do mercado ganha mais força, e a tecnologia leva as pessoas a comprarem cada vez mais, seduzidas por propagandas que vendem os produtos como se fosse gente. Perde-se a consciência do bem e do mal, do certo e errado, onde a lei para sobrevivência é a lei do mais forte.

O conto, *corpus* da pesquisa, apresenta início, meio e fim. Seu tempo é cronológico e apresenta um narrador que conta a história e participa dela. O espaço é a cidade do Rio de Janeiro, e as cenas acontecem em primeiro plano na casa dos assaltantes, em segundo, na mansão dos “grã-finos”.

Em “Feliz Ano Novo”, Rubem Fonseca explora a temática do consumo já na primeira cena do conto, onde a TV é o veículo de comunicação de massa, que até os menos favorecidos têm acesso a ela. A primeira narração do conto é: Vi na televisão que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no réveillon. Vi também que as casas de artigos finos para comer e beber tinham vendido todo o estoque (FONSECA, 1994, p. 365). No conto, fica evidente esta ideia de que réveillon é uma festa para bacanas, e a representação do social é muito forte neste aspecto, pois no conto de Rubem Fonseca desta vez quem teve um feliz ano novo foram os assaltantes.

No início do conto, o narrador insere o leitor no espaço em que ele está vivendo, quando o personagem Pereba fala do banheiro e pergunta onde amigo “afanou” a TV, pode-se ter uma visão de como o ambiente em que eles vivem é simples. De manhã a gente enche a barriga com os despachos dos babalaôs, eu disse, só de sacanagem (FONSECA, 1994, p.365). Pode-se perceber que, diferente da tradição da mesa farta dos réveillons, os marginais não têm o que comer.

Pode-se notar a revolta dos bandidos no seguinte trecho:

As madames granfas tão todas de roupa nova, vão entrar o ano novo dançando com os braços pro alto, já viu como as branqueias dançam? Levantam os braços pro alto, acho que é pra mostrar o sovaco, elas querem mesmo é mostrar a boceta mas não têm culhão e mostram o sovaco. Todas corneiam os maridos. (FONSECA, 1994, p.365)

Dois aspectos importantes se evidenciam: a linguagem vulgar, e a revolta dos bandidos por estarem em uma situação precária, enquanto os “grã-finos” se vestem de roupas caras. Outra maneira de demonstrar a indignação é quando o bandido entra no banheiro da mansão e observa os detalhes luxuosos. Há também o ato de defecar em cima da colcha de cetim demonstram o desprezo que ele sentiu por todo aquele luxo.

-Voltei para o quarto, empurrei a gordinha para o chão, arrumei a colcha de cetim da cama com cuidado, ela ficou lisinha, brilhando. Tirei as calças e caguei em cima da colcha. Foi um alívio, muito legal. Depois limpei o cu na colcha, botei as calças e deci. (FONSECA,ibidem, p.369)

-No banheiro tá um fedor danado, disse Pereba. Tô sem água. (FONSECA,1994, p. 366)

Esta cena de contraste causado pelo banheiro dos bandidos e o dos ricos é mais um recurso de Rubem Fonseca para demonstrar a desigualdade social. O banheiro sujo além de servir de contraste, caracteriza seus usuários, o dono casa, o morador da favela que não liga pro luxo e nem se preocupa em ter um banheiro luxuoso, diferente dos ricos que revestem seus banheiros de mármore.

Há certa crítica às mulheres, que representam o consumo desenfreado de joias e vestidos e que também estão presentes em outro trecho da obra, durante o assalto:

Revistamos os sujeitos. Muito pouca grana. Os putos estavam cheios de cartões de crédito e talões de cheques. Os relógios eram bons, de ouro e platina. Arrancamos as jóias das mulheres. Um bocado de ouro e brilhante. Botamos tudo na saca (FONSECA, 1994, p 366).

As diferenças sociais são evidentes e Rubem Fonseca explora a temática expondo-as, que vão desde o lugar onde moram, os costumes, a fala, o que vestem, o que comem. Tudo é diferente e está destacado no conto. O momento do assalto intensifica as diferenças:

- Eu tava pensando a gente invadir uma casa bacana que tá dando festa. O mulherio tá cheio de jóia e eu tenho um cara que compra tudo que eu levar. E os barbados tão cheios de grana na carteira. Você sabe que tem anel que vale cinco milhas e colar de quinze, nesse intruja que eu conheço?Ele paga na hora. (FONSECA,1994,p.368)

O fumo acabou. A cachaça também. Começou a chover. Lá se foi a tua farofa, disse Pereba. (FONSECA, 1994,p.368)

-Tinha na frente um jardim grande e a casa ficava lá no fundo, isolada. A gente ouvia barulho de música de carnaval, mas poucas vezes cantando. Botamos as meias na cara. Cortei com a tesoura os buracos dos olhos. Entramos pela porta principal. (FONSECA, 1994,p.368)

A banalização da violência é um tema muito discutido nas obras de Fonseca, por apresentar essa “justificativa” para o crime. Cerqueira (2009, p.18) explica que essa banalização do crime é um retrato da realidade nacional e está presente nas obras contemporâneas para fazer o leitor refletir e aproximá-lo dessa realidade.

O alerta é o da inovação literária superada pela banalização, o retrato cotidiano não como meio de expressão, mas como fórmula. Esta é até certo ponto compreensível se concebermos a literatura como (tentativa de) “retrato” da sociedade e do processo de construção social. Num país onde vencer pela escrita é um acinte, dado o fato do número de analfabetos funcionais ser bem maior do que o número de letrados [...]

Rubem Fonseca expõe a realidade e dá voz a quem não tem voz na sociedade. Olhar a situação pelo olhar do outro é o que causa impacto no leitor, e parece sugerir uma banalização do crime. Sendo que o crime já está banalizado não só nas ruas, mas dentro das instâncias do governo (corrupção, coerção, tortura). Um aspecto importante no conto é ausência de punição aos bandidos, aspecto que incomodou a censura.

Os personagens do conto “Feliz Ano Novo”, como os outros personagens de Fonseca, apresentam a característica de isolamento frente às situações que se oferecem; ele está sempre sendo marginalizado. A mídia tenta passar a ideia de que as populações periféricas são excluídas e marginalizadas. Mas Fonseca explora a marginalização existente em todos os âmbitos da sociedade, como na classe média e na classe mais abastada, os sujeitos estão à margem das instituições, praticam e são alvos de violência.

A questão do personagem solitário de Rubem Fonseca possibilita que o leitor se projete na história ao perceber-se prisioneiro de valores esvaziados, condenado a uma busca inútil. Figueiredo afirma que daí vem a recorrência na obra do estado de orfandade e que, por isso vagam sem lei, sem identidade fixa, desafiando a lógica e psicologia (2003).

A ação dos bandidos explicita muito bem os aspectos acima citados:

Vamos comer, eu disse, botando a fronha dentro da saca. Os homens e mulheres no chão estavam todos quietos e encagaçados, como carneirinhos. Para assustar ainda mais eu disse, o puto que se mexer eu estouro os miolos (FONSECA, 1993,p370).

O narrador e seus amigos andam sem lei e cometem crimes em troca de seu sustento. Em nenhum momento do conto o narrador ou os outros personagens mencionam sonhos para o futuro longe do crime, ou almejam uma vida diferente.

Os bandidos se rendem à comida e ao dinheiro que podem conseguir vendendo as joias e relógios caros, mas demonstram total desprezo pelo “poder” dos ricos, como se todos fossem hipócritas, que têm dinheiro e nada mais do que isso. Em todo o conto na fala dos bandidos existe a presença de ironia, principalmente no tratamento com os donos da mansão. No momento em que o personagem Mauricio intercede por sua vida e o dos outros que estão presentes na casa, ele indaga: um deles disse, calmamente, não se irrite, levem o que quiserem não faremos nada [...]Podem também comer e beber à vontade, ele disse (FONSECA, 1993, p.370). Isso causa ira nos bandidos, que começam a matar por mera diversão. E a fala do narrador antes de cometer os homicídios soa como uma explicação para os atos que seguirão:

Filha da puta. As bebidas, as comidas, as joias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles, nós não passávamos de três moscas no açucareiro. (FONSECA, 1993,p370)

E depois disso o mataram como se estivessem brincando com as armas, a violência fica bem nítida nesta parte do texto.

1. “Feliz Ano Novo” e o Ensino

Como então apresentar em sala de aula esse conto no Ensino Médio para que os alunos explorem novas fronteiras de conhecimento? Discute-se muito atualmente quais textos podem possibilitar a prática da leitura em sala de aula, pois há predominância de se valorizar as obras canônicas. O texto fonsequiano, por exemplo, possibilita uma maior aproximação da realidade com os alunos, o que gera maior motivação de leitura. Este é um dos motivos para que este texto seja levado para a sala de aula. Muitos alunos conhecem a violência que está sendo tratada no conto, mas outros não, por isso precisam

conhecer. Em princípio, com este texto, pode-se tratar da violência com a intenção de discutir a realidade e os aspectos da sociedade atual.

A literatura é uma das melhores maneiras de apresentar a realidade. Na formação de leitores, é indispensável a apresentação de um texto para alcançar o objetivo de formar leitores críticos e interessados cada vez mais no processo de leitura. É através da leitura, observação e estruturação textual que o estudante pode despertar o senso crítico e o gosto pela leitura.

No conto, “corpus” da pesquisa, é importante destacar, em sala de aula, o contexto em que foi escrito, evidenciando aos alunos a relação existente entre literatura e história, entre outros aspectos.. É o caso de “Feliz Ano Novo”, que foi escrito no período da Ditadura Militar de 1964. Além disso, pode ser estabelecido um paralelo entre o tempo em que foi escrito comparando-o com a atualidade.

E antes mesmo que o professor apresente um texto como “Feliz Ano Novo” para sala de aula, é necessário que se desenvolva a importância do letramento literário que significa muito mais do que saber ler e escrever, mas evidencia a aquisição de capital cultural. Sobre isso, Soares (2001, p.39) afirma que:

[...]um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, não é só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente as demandas de leitura e escrita.

O texto de Rubem Fonseca em sala de aula é primoroso para se estabelecer a interdisciplinaridade. Pode-se desenvolver atividades com várias disciplinas, propiciar ao aluno buscar em jornais e revistas sobre a violência, o uso das drogas, entre outros temas.

Uma das atividades propostas é levar para os alunos filmes como “Tropa de Elite”, dirigido por José Padilha. O primeiro filme foi lançado em 2007, foi um grande sucesso, e apresentou a realidade vivida por policiais do BOPE o confronto com as facções e com os próprios companheiros de profissão. Outro filme que pode ser levado para sala de aula é “Cidade de Deus”, lançado em

2002, com a direção de Fernando Meirelles. O filme apresentou como é a vida de quem mora nas favelas do Rio de Janeiro, que muitas vezes não dá alternativa para que o jovem busque seu sustento além da vida no crime.

O filme “Escritores da liberdade” foi lançado em 2007 e representa uma forma de como o trabalho com a realidade dos alunos pode aproximá-los da literatura. No filme, uma professora nova da escola fica responsável por uma turma de alunos considerados problemáticos, por seus históricos de vandalismo e por muitos deles morarem na periferia. Para chegar até seus alunos e despertar neles o gosto pela leitura, ela leva livros com que eles possam se identificar, que se parecem com a realidade deles. Através desse trabalho ela conseguiu formar leitores.

O conto “Feliz Ano Novo” pode ser um primeiro passo para inserir a escola no contexto dos alunos, do mesmo modo, despertar o senso crítico deles e torná-los leitores, e dessa forma modificar o olhar e tornar esse olhar mais crítico, propiciando inferências e, principalmente, destacando o valor do letramento literário como aquisição de capital cultural. A obra de Rubem Fonseca desenvolve tal característica de forma primordial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com o texto literário proporciona ao aluno uma nova visão com relação à sociedade em que ele vive. O estudo da literatura permite uma maior aproximação dos alunos com a leitura de forma crítica, a fim de que eles tornem mais capacitados a analisar o seu contexto.

O conto “Feliz Ano Novo”, “corpus” da pesquisa, se insere no Pós-modernismo e evidencia todas as características de um tempo marcado pela desilusão com o futuro e de uma busca incessante pelo eu, e transmitir esses valores na escola é abrir espaço para discussão sobre a realidade do país.

O texto que choca é o mesmo que vai aproximar os alunos, por se tratar da realidade vivida por alguns deles e despertar a curiosidade e o espanto em outros. Com questões relativas à sociedade atual, “Feliz Ano Novo” pode ser trabalhado para conscientizar os alunos com relação à violência, o uso das drogas, das desigualdades sociais, entre outros aspectos.

As características dos textos de Rubem Fonseca enriquecem o trabalho do professor, por permitir que ele explore vários pontos de sua obra de forma interdisciplinar. No caso do conto, tem-se a presença do personagem solitário fonssequiano, que explica e exemplifica o sentimento da contemporaneidade, a individualidade.

Mas para que o aluno saiba reconhecer esta e outras características da obra, o trabalho em sala de aula não deve se ater somente em solicitar a leitura de um texto. O professor deve apresentar a obra literária em seu contexto de produção, buscar fazer uma interdisciplinaridade, analisar os personagens, suas falas. Em “Feliz Ano Novo”, a leitura precisa ser conduzida, para que o texto ressalte um contexto presente do Brasil real, em que a prosa naturalista não seja somente observada pelo viés da linguagem “escrachada”, da sexualidade, da violência urbana, mas, em especial, por revelar o Brasil da periferia, do centro, das várias camadas sociais que cometem os mesmos delitos.

Deve-se destacar que a obra fonsequiana não trata só dos descalços, miseráveis, desdentados e bandidos. Como já foi dito, expressa o Brasil real com todas suas contradições. E, por isso é sempre atual.

REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, Rodrigo da Silva. *A violência como discurso em Feliz Ano Novo de Rubem Fonseca*. Revista de estudos literários- Terra Roxa., vol. 15, 2009.

FOLLAIN, Vera Lúcia Figueiredo. *Os crimes do texto*. Rubem Fonseca e a ficção contemporânea. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FONSECA, Rubem. *Contos reunidos*. Organização de Boris Schnaiderman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HAAL, STUART. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Garcia Lopes Loureno. 2ed., Rio de Janeiro: DPeA, 1998

PELLEGRINI, Tânia. *Despropósito*. Estudos da ficção brasileira contemporânea. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2008.

PROENÇA, Domício Filho. *Pós-Modernismo e a literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

RIAS, Daianny Junqueira; CARVALHO, Elisandra Fabiana Gonçalves; GARCIA, Lucimara; FERNANDES, Vitor Reinaldo de Oliveira. *Feliz Ano Novo - O Realismo no conto de Rubem Fonseca*. Unepe, 2008.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica. 2ºed., Mangle, 2010.

VIDAL, Ariovaldo José. *Roteiro para um narrador*. Uma leitura dos Contos de Rubem Fonseca. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

VILLAÇA, Nizia. *Paradoxos do Pós-Modernismo*. Sujeito e Ficção. Rio de Janeiro: Editora UFRG, 1996.